

REVISTA
DE
PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

VOLUME III



PORTO
EDITORES, LUGAN & GENELIOUX
Successores de Ernesto Chardon

1890

Todos os direitos reservados

REVISTA
DE
PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

NOVEMBRO, 1890

Summario

	Pag.
I. UMA LIÇÃO HISTORICA	Izabel Leite 121
II. A GIRIA	J. M. de Queiroz Velloso 153
III. MUSEUS REGIONAES	Rocha Peixoto 184
IV. TEDIO	Acacio Antunes 195
V. OS NOVOS—Luiz de Magalhães.	Silva Gayo 198
VI. A VIDA CONJUGAL.	Jayme de Magalhães Lima 211
VII. CHRONICAS DA POLITICA EUROPEA: O congresso socialista de Halle—A politica italiana.	G. de Côte-Real 224
VIII. REVISTA DE CRITICA LITTERARIA.	Moniz Barreto 235

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

Correspondentes

PARIS

AMEDEE PRINCE & C^{IE}
36, Rue Lafayette

V^{VE} EMILE MELLIER
47, Rue Ségulier

A **REVISTA DE PORTUGAL** é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **BOLETIM BIBLIOGRAPHICO** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **ANNUNCIOS** são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6\$000 reis	3\$200 reis	1\$700 reis

Numero avulso. **500** reis
Pelo correio. **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7\$200 reis fortes (Fr. 40)	3\$800 reis fortes (Fr. 21,10)

A **REVISTA DE PORTUGAL** assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores **LUGAN & GENELIOUX**, em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.

NO PRÉLO:

- A Correspondencia de Fradique Mendes**, por *Eça de Queiroz*. 1 vol. in-12.
- A Reliquia**, por *Eça de Queiroz*, 2.^a edição. 1 vol. in-12.
- As minas de Salomão**, romance de RIDER HAGGARD; versão revista por *E. de Q.* 1 vol. in-12.
- Menina e moça. . . (Saudades)**, por BERNALDIM RIBEIRO; edição dirigida e prefaciada por *D. José Pessanha*. 1 vol. in-12.
- Geographia geral**, actualisada, e posta em harmonia com o novo programma para o ensino nos lyceus, coordenada por *J. N. Raposo Botelho*. 7.^a edição correcta e adaptada á ultima organização da instrucção secundaria. 1 vol. in-12.
- Os filhos de D. João I**, por *Oliveira Martins*. Edição de luxo illustrada, papel de linho, typo elzevir. 1 volume de mais de 500 pag. in-8.^o gr.

MUSEUS REGIONAES

I

Entre os alvites postos como efficazes para a solução da crise economica que ha muito perturba e afflige o paiz, avultam os que vêem nos productos naturaes do sólo o recurso capital e porventura exclusivo em cuja acção redemptora nos seja licito ter esperanças. Já em occasiões varias se tem solicitado da terra e do que n'ella existe ou vive a appetecida prosperidade que nos dê um desafogo tranquillo; mas essas reclamações, habilmente tratadas d'alto, bem capituladas por vezes e não raras com uma sagaz erudição de estatistica e detalhe, não lograram o exito desejado.

Motivos ha que, talvez pela sua singeleza, não tendo obtido tão pouco uma previdente attenção do critico ou do legislador, explicam a esterilidade d'esse resultado. D'entre elles, o mais simples, está em ser de geral ignorancia tudo o que de productos naturaes nós possuimos; porque, segundo parece, é indispensavel saber préviamente o que ha e onde, para seguramente se poder utilizar. Não bastam os pequenos inqueritos esparcos em publicações especiaes ou a enumeração arida de faunulas e florulas defezas ao accesso publico em virtude d'uma terminologia convencionada cujo dominio de acquisição é bem

restricto; seria necessario, antes de tudo, traduzir em linguagem comprehensivel e espalhar devidamente o relato descriptivo do que existe e do que é substituivel ou acclimavel. Mas nem o inventario do que temos está feito por completo, nem dos homens da technica que por esse paiz fóra a ensinam nas escólas ditas profissionaes, ha a esperar esse subsidio prévio, graças á meticulosidade com que é de uso escolher incompetentes. Isto posto, deduzir-se-ha que a importancia da utilisção do minerio, do sólo agricola e da cultura maritima, por exemplo, é na generalidade ignorada, uma vez que o desconhecimento da materia prima e dos processos industriaes correlativos á sua aproprição não quebraram ainda o mutismo de quem n'esta terra dá officialmente luz e ensinamento.

Exemplificaremos, para que estas affirmções não pareçam malevolamente gratuitas, com casos singelos de facilima averiguação.

Ha mais de vinte annos legislaram os poderes publicos sobre uma industria que ao tempo não existia ainda e que só, alguns outros passados, iniciava as primeiras tentativas. Cuidava-se, com notavel rigorismo e minucia, de regulamentar a ostreicultura, fixando limites de tempo para a dragagem, determinando os logares onde a pesca era permitida e bem assim o modo como devia ser executada, estabelecendo as dimensões minimas do mollusco para ser introduzido no consumo, indicando aos futuros concessionarios a morosa obtenção da licença para a viabilidade das suas pretensões, providenciando ácerca da invasão dos limos e das algas, creando multas pesadas para as infracções, estipulando emfim uma fiscalisação severa e estreita, estendendo-se desde o administrador concelhio ao intendente de marinha. Apenas havia esquecido ao bom homem da lei a creação d'um parque-modélo para educação e exemplo, convenientemente subvencionado pelo Estado e onde fosse aprender todo o que quizesse conhecer os processos e vantagens d'uma industria desconhecida para nós. Tambem este descuido, no platonismo do decreto, deu só em resultado não termos industria ostreicola em Portugal, apparecendo quando muito no

mercado, em quantidade diminuta, um comestível ordinario contra o qual lá fóra se tem feito uma tenaz e justificada campanha de descredito.

A ostra do Tejo, que muitos pensam, por motivos de ordem scientifica, nem sequer dever ter esse nome, é cultivada, d'um modo regular, por uma parceria. Dos publicos papeis não consta que outra companhia haja iniciado definitivamente a cultura em outra região; de sorte que — é curioso observar — n'um paiz de littoral esse ramo da industria aquicola, longe de estar amplamente desenvolvido, vegeta rudimentarmente em esboço.

Ora nem os decretos ensinaram nem toda a gente sabe se a ostreicultura é extensiva a outros logares independentes da bacia do Tejo; se apenas essa especie é a unica cultivavel entre nós; se é inferior ou superior ás especies de fóra para lhe demarcar o grau de concorrência; se, por ultimo, a industria é remunerada na proporção do esforço e da despeza. Aos ensaios que se hão tentado surgem obstaculos desanimadores que têm levado a crêr na impossibilidade de instituir a serio essa cultura. Objecta-se, por exemplo, que n'um dado logar talvez favoravel não existem bancos naturaes, o que é justo causar receios visto que o decreto não mandou ensinar a construir canteiros artificiaes; assegura-se que a salsugem em certas regiões não permite o cultivo satisfatorio do mollusco do Montijo, sem se saber que outra especie de ostra, igualmente comestível, poderia ser adaptada com proveito; affirma-se que o fundo vasoso impede tão pouco a cria, quando, por uma macdamisagem intelligente se obstaría a esse perigo; teme-se a destruidora impetuosidade das correntes, sem lembrar a edificação de diques que se oppoñham, desviando-as.

Seria pois de toda a logica que o decreto ordenasse primeiramente a investigação dos locaes accommodaveis á cultura e parallelamente as condições varias como ella deveria ser effectuada, consoante a diversidade e particular natureza de logares. Conviria tão pouco saber que a ostra portugueza, embora muito prolifica e robusta, é consideravelmente inferior a cer-

ta cultivada nas praias d'outros paizes; que se em alguns logares só essa é adaptavel, n'outros poder-se-hia introduzir a de Swansea, Ostende ou de Arcachon; que hoje se aproveitam sofregamente a maior parte dos sitios banhados pelas aguas, desde as antigas salinas, como as de Croisic, até ás lagoas salobras, como as da Corsega; e emfim, para nos regalarmos de esperanças — na boa terra de commissões e substanciosos relatorios — que alguem nos viesse dar a grata noticia de que já ha muito são vendidos annualmente na Inglaterra para cima de dezoito mil contos do precioso bivalve.

Pelo parque-modêlo e laboratorio annexo saber-se-hia pois a pratica ostreicola desde a escolha de terreno e essenciaes condições de reproducção e engorda até ás doenças e inimigos cuja existencia forçoso seria evitar. Mas este esquecimento do decreto, occasionando simplesmente a carencia d'uma industria lucrativa para o Estado e directamente para milhares de pessoas, foi talvez motivado por uma intransigente obediencia áquella velha fórmula que já andava na bôca e no tino dos nossos maiores — *quem quizer que se arranje*.

Contrapõe-se a este facto em que, para uma industria que não existe, sobeja uma legislação atilada e subtil, o caso de ser conhecida e latamente descripta uma outra fonte de receita sobre a qual os homens da governação não fizeram baixar ainda um piedoso despacho. Está effectivamente inventariado por mais do que um engenheiro habil, n'uma especial publicação de obras publicas e minas, o jazigo de ferro das cercanias de Moncorvo. Calculos baixos fazem crêr que a massa do minerio é provavelmente superior á bagatella de sessenta e cinco milhões de toneladas, sendo a maxima parte constituida pelo ferro oligisto e devendo obter-se, em média, cincoenta e cinco por cento de percentagem metallica. Os affloramentos em grandes extensões e parallelamente a disposição orographica do terreno, facilitam, com copiosas vantagens, a extracção e exploração do minerio. Seria necessario comtudo remover certas difficuldades. E eram ellas: o porto de mar mais proximo do jazigo estar afastado uns duzentos kilometros; a multiplicidade das concessões;

a provavel exorbitancia das tarifas; o custo do ferro posto em Leixões concorrer com o preço do minerio da Biscaya exportado por Bilbao; a falta de carvão para a extracção do ferro.

Estas objecções acharam da parte dos competentes uma solução, ao que parece, decisiva. Assim, se as concessões fossem feitas em grande pelo menor numero possível de industriaes, demonstram os numeros que se poderia convencionar com a administração dos caminhos de ferro uma tarifa de transporte notavelmente baixa e igualmente proveitosa; e maior seria a redução se, no sentido ascendente, fosse carreado o carvão requerido para a metallurgia do ferro. No porto de Leixões, frequentado em breve por navios de grande lotação, edificar-se-hiam, sem encargos pesados, as installações de embarque; de retorno, os vapores que levavam o ferro transportariam o carvão. E de resto o combustivel conseguir-se-hia talvez em melhores condições de preço importando-o das Asturias ou trocando-o até pelo nosso minerio. Fabricado o ferro no Pocinho accrescia ainda a notavel economia de poder utilizar-se a agua do Douro como força motriz, já aproveitada antes em fragmentar minerio para exportação. Acreditando, pois, nos pareceres da engenharia conseguiriamos com todo o exito iniciar a industria siderurgica em Portugal, abastecermos-nos de ferro mais barato do que o importado e exportar, sem receio de competencias annulladoras, aquelle de que não precisassemos.

Mas não ficam n'isto as vantagens do fabrico nacional do ferro. Proximo a Bilbao existe um jazigo de minerio analogo ao nosso, cuja producção annual é de cêrca de quatro milhões de toneladas; annualmente exportam-se umas quarenta mil de ferro fundido. Não têm, como nós, o combustivel; a quantidade do minerio de Moncorvo é superior á de Bilbao; a média do teor do nosso é igual á maxima do melhor da Biscaya; as minas hespanholas estão quasi a exgotar-se. Ora tendo isto em conta e sendo certo, adoptando as palavras do distincto engenheiro que informa (Costa Serrão), que a tonelagem representativa do movimento commercial na barra de Nervion só tem de

superior na Europa todo o movimento commercial do porto de Londres, é natural suppôr que a industria do ferro entre nós seria altamente remuneradora.

Para a consecução effectiva d'esta obra precisar-se-hia, em primeira instancia, de incluir na rêde ferro-viaria do norte do Mondego mais um caminho de ferro de algumas dezenas de kilometros. Essa linha, que do Pocinho iria a Miranda do Douro, iniciando uma nova industria, augmentaria a população e correlativamente o trabalho e o consumo na zona mineira apontada, importaria o progresso agricola da região, desenvolveria o movimento e estabeleceria, por intermedio de Zamora, uma facil communicacão com a Hespanha, visto que nenhuma outra via ligaria tão directamente o Porto com o norte do paiz visinho. E ainda para mais captivar a realisacão d'essa chimera — n'um florescente paiz que bem pôde renunciar a tanta grandeza — outra vantagem ha a adduzir em favor da construcção. Proximo a Vimioso existe, como se sabe pelas gazetas, um jazigo de alabastro e marmore que occupa nada menos de seis kilometros de comprimento. Um geologo eminente (Nery Delgado) que fez o reconhecimento scientifico da região, averiguou que o notavel calcareo é analogo ao de segunda classe de Carrara. O alabastro é famoso de transparencia e de côr; o marmore igualmente bom na textura e na mancha. Um applicar-se-hia com exito na estatuaria, outro na architectura, o rebotalho na fabricacão da cal; a extensão do primeiro, vastissima, a quantidade do segundo, inexgotavel, a lavra, excepcionalmente facil. Reparando que em Hespanha se solicitam avidamente os nossos materiaes decorativos e de construcção a ponto de ainda ha bem pouco ser contratado para Madrid um fornecimento de trinta mil metros cubicos de calcareo portuguez, presume-se sem esforço que os marmores de Vimioso teriam uma magnifica accitacão da visinhança. E ahí está, com uma mesma via ferrea, o desenvolvimento d'uma nova e rendosa industria.

Ora nem ao publico nem certamente aos esclarecidos luminaires que o administram importam estes factos d'um interesse tão proximo e tão opportunos. O caminho de ferro não se

construiu nem se construirá provavelmente; d'onde tanto monta ter leis para industrias que não existem como possuir minerio inexplorado por carencia de legislação que não virá. E quando assim acontece para o caso de montanhas de alabastro e ferro, o que não será para as pequenas industrias que poderiam estar cantonadas em innumerous logarejos, pouco valendo isoladamente, é certo, mas constituindo juntas uma grande força activa e productora para cuja realisação tantas aptidões poderiam effi- cazmente concorrer. A bem dizer não existem, e a causa está, em grande parte, na falta completa de instituições ainda não creadas no paiz, graças á solercia e ao desdem fidalgo de quem manda.

II

Os museus regionaes deveriam ter entre nós um pouco d'esse caracter que assignala, em importancia e effeitos, certos museus civicos de Italia. É manifesto que, em terra onde as sciencias biologicas não agitaram a curiosidade da maior parte do publico ledor e officialmente instruido, estabelecer archivos de productos naturaes com a feição eminentemente especulativa dos grandes institutos de fóra, seria como que legislar para a exploração da nossa industria piscicola. E afóra o caso incon- troverso de escassearem administradores capazes para orienta- rem com probidade a marcha progressiva de taes instituições, necessario seria quanto antes actualisar-nos com o que está fei- to no dominio exclusivo do que nos é directa e immediatamen- te util. Imaginando polidamente que a sabedoria official da na- ção contribuirá n'estes cem annos mais proximos com alguma idéa para a solução dos graves problemas geogenicos, biogene- ticos ou ethnicos que importam á Philosophia da Historia Natu- ral, isso incumbe a esforços e impulsos de estabelecimentos di- rectamente protegidos pelo estado. Mesmo a colleccionação do que existe e que, mercê da governamental munificencia, nem

meio caminho andou, embora bons desejos alguma coisa hajam alcançado em Lisboa e em Coimbra, nada tem que vêr ainda, em amplitude e intuitos, com a organização toda especial dos museus regionaes. Pois que, sendo estes estabelecimentos destinados sobretudo a darem lição ácerca do que diz respeito quasi exclusivamente a uma população de área e de interesses circumscriptos, transformar-se-hia desastradamente o seu objectivo de poderosos agentes educativos, caricaturados que fossem os museus geraes, evidentemente mais largos em propositos e recursos.

O fim a preencher consiste — adoptando a banalidade consagrada — em terem utilidade pratica, e não em restringir, pelo seu feitió estreitamente erudito, o interesse immediato de quem os visita e consulta. Se em todos os districtos fosse possível estabelecer institutos d'esta ordem, era com os productos naturaes da região e as indicações relativas á sua utilidade, valor e exploração industrial que se deveriam principalmente occupar. É obvio que em um museu da Povoia de Varzim, por exemplo, se não iriam collocar os documentos relativos á vinha instruidos quanto aos seus desastres e remedios, como na collecção ethnographica que o de Elvas porventura possuísse pouco significariam os utensilios de pesca d'aquella povoação maritima. Os objectos de estudo e observação — repete-se — deveriam pertencer apenas a uma área convenientemente demarcada pela somma de importancia que adviria para as localidades proximas, uma vez que o desenvolvimento d'estes museus, tendo a contar certamente com uma dotação invariavelmente exigua, veria frustrados, d'outr'arte, os seus designios.

É o caso que nas regiões onde a cultura da amoreira fosse viavel e consequentemente o desenvolvimento dos bombycites, em valor e numero, muito haveria que aprender nos museus e respectivas instrucções sobre a industria da sêda. Alguem sabe, pelo menos, que a sericultura teve em Portugal uma magnitude digna de melhor futuro. Datam dos primeiros annos do seculo XIII os documentos conhecidos ácerca da protecção a este ramo industrial; e embora, ao diante, não rivalisasse com os produ-

ctos dos kalifados de Granada e Cordova, obtiveram-se tudo magnificas telas, organsins e tafetás, e foram celebres os nossos velludos, setins e gorgorões, mercê do carinho e desvelo de certo conde da Ericeira. Mais tarde, ahi pelo seculo xviii, a latitude da industria foi tal que urgiu instituir a Direcção geral das fabricas de sêda do reino. Do Piemonte nos vieram se- mentes e com ellas homens do *métier*; só á Real Fabrica fo- ram cedidos tres mil pés de amoreira branca; os filatorios mul- tiplicaram-se e peritos experimentados vigiavam e davam con- selho. Pouco a pouco o Estado foi desamparando a cultura até que em principios d'este seculo começavamos a registrar mais uma industria moribunda. No entanto lá fóra as installações cresciam; a assolação provocada pela pebrina, longe de esmo- recer os cultivadores, levou-os a ensaiar a aclimação do bicho da sêda do aylantho e do carvalho do Japão e da China; a França colheu d'este modo os melhores resultados, limitando- nos nós a exportar-lhe, via Marselha, os nossos casulos cujo ti- tulo de excellentes e dos melhores da Europa, a inepecia portu- gueza não logrou ainda destruir.

Ora nem a intensidade das epizootias, que entre nós foi d'um alcance diminuto, nem a carencia de especiaes aptidões, pois que tal industria occupa a bem dizer creanças e mulheres, foram as determinativas da sua extineção. O motivo remoto d'essa decadencia está no desaparecimento das antigas fabri- cas-modêlos que o paiz subvencionava e ainda mais na falta dos praticos que de terra em terra iam levar o ensino sempre aperfeiçoado da technica, indicando superiormente, a par e passo, as alterações á legislação, no sentido progressivo da industria e do seu commercio. Esses dois factores de propaganda, de desenvolvimento e de tenacidade traduzir-se-hiam hoje pelo sys- tema mais que modesto das escólas móveis e simultaneamente com a instituição de collecções de typos de chrysalida e bor- boleta, de ovos e casulos, de inimigos do lepidoptero e de exemplos das suas devastações, de especies varias do producto e das falsificações, da engrenagem industrial emfim, tudo archi- vado e etiquetado nos museus das localidades sericolas.

Como para as sêdas, a industria nacional das lãs reclama-ria uma ajuda affectuosa do poder central. Quasi se limita, como de todos é sabido, ao fabrico do sapato de ourelo visto que, não tendo havido no cruzamento das rezes uma solícitude intelligente, a materia prima é notavelmente réles. Certo é que o clima e a impossibilidade da transhumação são obstaculos para a posse das grandes oviarias; a estabulação, porém, e a pastoria nas montanhas não impediria de todo o aperfeiçoamento discreto do producto.

Depois das sêdas e das lãs restam-nos, como fibras textis, o linho, cuja cultura, embora prospere em paizes visinhos, vai sendo entre nós abandonada seguidamente ao seu inicio e isso pelos motivos conhecidos. Não se procurou todavia substituil-a, resuscitando uma outra industria agricola lucrativa — a espartaria. Abundou de tal modo o esparto na peninsula, que Portugal e Hespanha não tiveram por muito tempo competidores em todos os mercados de fóra; de Carthagenas se chegaram a expedir, n'um anno, vinte mil toneladas de esparto já manufacturado, e ainda ha annos, proximo de Almeria, se occupavam cincoenta mil pessoas no preparo do vegetal. Essa industria, que a Hespanha ainda conserva, foi entre nós igualmente florescente; hoje está quasi riscada, a despeito do sólo continuar a ser dos mais proprios da terra para tal cultura.

Abandonada á iniciativa individual que, pelo desolante phenomeno regressivo a que desgraçadamente obedece a intellectualidade portugueza, se amesquinhará cada vez mais, está a apicultura. Se teve sempre entre nós o character d'uma industria caseira, difficilmente se ampliará como as textis. A orographia do paiz de que depende, consoante as regiões, o *facies* da vegetação e correlativamente a boa ou má natureza dos pastos, dá-lhe condições excepcionalmente vantajosas para a implantação dos grandes colmeaes. De fóra nos dizem diariamente que o mel de Portugal é dos melhores da Europa; a producção continúa, porém, a estar longe de corresponder aos favores do sólo, do clima e da flora.

Analogamente se fallaria da cera, das manteigas e do quei-

jo, da vinha mesmo e da oliveira, do açafreão e da mostarda, da beterraba emfim, esse generosissimo vegetal duplamente valioso como planta alcoolisavel e saccharina n'um paiz onde os cereaes não chegam e a vinha é morta. Tanto basta, contudo, para documentar o que se affirmava a principio: o ser de geral ignorancia tudo o que dos nossos productos naturaes haveria a colher em serviço do desenvolvimento industrial. As nossas escolas profissionaes, se existem, falharam, como falhado tem a representação effectiva da alta sciencia official. Seria doloroso vêr confirmado por um inquerito o vazio intellectivo e erudito dos nossos mestres nas coisas portuguezas, as quaes e a despeito de tudo vão testemunhando, com inegalavel crueza, tão assignalada e já normal debilidade. Não tendo assim remedio, por annos dilatados, o estado actual do ensino technico, urgia, mais que nunca, inaugurar um systema de estudo e de propaganda pela criação dos museus regionaes. Esboçados já, á brocha larga, os seus intuitos, conviria ir escolher lá fóra quem em tal materia fosse entendido; não viesse a sabedoria da casa intrometter-se n'aquillo de que nada percebe. Esse pessoal, sabiamente recrutado, começaria a recolher e inventariar tanto material disperso, a estudal-o, a classifical-o, a archival-o, dando derivativamente o conselho justo para a efficaz utilização do que fosse industrialmente valido. Consecutivamente a legislação se remodelaria á medida que do valor do que temos se fosse tomando conhecimento. Avigorada então esta raça lassa e frouxa pela caldeação com um povo forte, ainda se poderia aspirar a tempos prosperos se, para tal gente, não são já irremediaveis tantos annos de relaxo.

Rocha Peixoto.